

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Il Rumore delle Cose che Iniziano*

Autora: *Evita Greco*

Copyright © 2016 Evita Greco

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Maria das Mercês Peixoto*

Revisão: *Caligramma — Produção Editorial, Lda./Editorial Presença*

Imagem da capa: © Jovana Rikalo/Trevillion Images

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, fevereiro, 2018

Depósito legal n.º 435 630/17

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

# 1

Para Ada, há sons que merecem mais atenção do que outros. O som que uma orquestra faz quando os instrumentos estão a ser afinados, um momento antes de começar o concerto. O que fazem as folhas quando se levanta o vento. E também o que fazem as chávenas quando os empregados as colocam nas máquinas do café.

Ada sabe que há coisas que, quando começam, produzem som. E quando se ouve esse som, paramos e escutamos. Escutamos o som das coisas que começam.

Ada era uma menina de três anos ou pouco mais quando a mãe decidiu que afinal já não lhe interessava muito ser mãe. Uma noite tinha-a deitado na cama e, na manhã seguinte, tinha-a deixado em casa da avó. Tinha mais com que se ocupar, dissera apenas. E desde então nunca mais foi vista nem ouvida. Ada teria preferido que tivesse havido uma motivação mais séria. Em vez disso, acabou por acreditar que não era uma menina com quem valesse a pena perder tempo. Apesar de a avó Teresa sempre se ter comportado como se ela fosse a única pessoa no mundo com quem valia a pena viver, Ada continuara com medo de que também ela a abandonasse, como tinha feito a mãe.

Uma noite perguntou a Teresa se por acaso aquela era a última vez que a ia deitar. A avó disse-lhe que de certeza aquela não seria a última, contudo, na manhã seguinte, Ada perguntou-lhe se aquela era a última vez que tomavam o pequeno-almoço juntas. A avó Teresa repetiu-lhe que, com igual certeza, não seria. Nunca se cansava de a tranquilizar.

A coisa tornou-se séria quando Ada começou a recusar-se a ir ao jardim de infância. «E se aquela vez fora do portão da escola fosse a última vez em que veria a avó?», acabava por perguntar todas as manhãs.

A avó acordava-a e ajudava-a a arranjar-se. Preparava-lhe o pequeno-almoço e vestia-lhe o bibe: até lhe tinha bordado o seu nome e também uma pequena abelha. A menina gostava muito de abelhas, e então Teresa bordara-a com os olhos azuis: «Grandes, grandes como os teus», tinha dito. Embora, apesar do seu muito empenho, o resultado não ter sido tão perfeito como esperara: um dos olhos da abelha parecia fechado e as patas eram demasiado compridas, portanto não era muito bonita.

Enquanto duravam os preparativos, tudo corria bem. Ada não chorava nem protestava. Depois, quando iam a pé para o jardim de infância, começava a sentir dores por toda a parte. Uma vez era a barriga. Outra vez as costelas, que Ada pensava que também faziam parte da barriga. Outras vezes dava-lhe para vomitar. E então dizia à avó que tinha de *gomitar*, e a avó não insistia. Assim que começavam as dores, levava-a para casa.

Não poderia demorar muito, mais cedo ou mais tarde tinha de ir para o jardim de infância. E então a avó explicara-lhe que, se ela não fosse, na escola seriam obrigados a chamar os *Carabinieri*. O facto é que os *Carabinieri* não metem medo às crianças de três anos, ou pelo menos não tanto quanto Teresa pensava. A Ada de certeza que não metiam medo nenhum. Do que ela tinha medo era de pensar que a avó, depois de a deixar na escola, pudesse ir-se embora para longe dela, para sempre.

Uma manhã, após ter preparado o bibe, o cestinho da merenda e tudo o mais, a avó Teresa tinha falado com ela, agarrando-lhe a mão pequenina.

— Vês, Ada, mais cedo ou mais tarde as coisas têm de começar. São como as estradas. Estás ali a pensar que uma está quase a acabar, mas na verdade é uma outra que está a começar. Como esta rua aqui. Tu pensas que está a acabar a rua que te leva até mim. E, pelo contrário, está apenas a começar a que te leva até à escola.

Ada tinha escutado a avó. Enquanto ela lhe segurava a mão, sabia que não se iria embora para lado nenhum, e então sentia-se tranquila.

— Agora esta é a tua estrada, a que te leva à escola — tinha dito ainda a avó.

— Mas se eu ficar com esta estrada, tu não poderás ir comigo.

— Eu voltarei, voltarei ao teu encontro.

— E onde é que vais entretanto?

A avó Teresa tinha-se rido.

— Não importa onde vão as pessoas — respondera —, o importante é que voltem para junto de ti.

Ada tinha pensado que a avó tinha razão. A única coisa que importava era que ela voltaria para junto de si. Mas ainda havia algo que ela não tinha compreendido e então perguntou-lhe. Quando Ada tinha três anos, perguntava imensas coisas, sobretudo à avó.

— Mas como é que eu posso saber? Como é que posso saber que esta é uma rua que começa?

A avó ficara em silêncio. Essa resposta não a tinha. Depois, sem saber de onde vinha, avó e neta tinham ouvido alguém — talvez um porteiro — assobiar uma daquelas melodias que não estão escritas em lado nenhum mas que todos conhecem desde sempre.

Teresa, que era precisamente o género de avó capaz de aproveitar coisas imprevistas como o assobio de um porteiro, tinha feito uma cara de espanto.

— Pelo som — tinha-lhe explicado.

Sem largar a mãozinha de Ada, aproximara-se da entrada do jardim de infância.

Uma vez lá dentro, ouviram-no de novo. Ouviram de novo aquele assobio. A avó Teresa tornou a fazer uma cara de espanto.

— Ouviste? — perguntara. — Aquele som. É o som das coisas que começam.

Ada olhava para o rosto da avó. Perguntava a si mesma como é que ela podia saber, porém a avó parecera de tal maneira segura e aquele assobio era tão bonito que não teve coragem de perguntar nada.

— Tens de prestar atenção ao som das coisas que começam — dissera-lhe então Teresa. — Tens de ter paciência. E de estar atenta. Vamos experimentar outra vez.

Tinha fechado os olhos e também Ada os fechara. Durante um bocadinho tinham escutado o silêncio e nada mais. Depois o porteiro assobiara de novo. Ada tinha aberto os olhos antes da avó. A tempo de ver no seu rosto uma expressão extasiada.

— Eu ouvi-o — exclamara —, fui a primeira a ouvi-lo!

Então a avó tinha-lhe beijado a testa e tinha-lhe dito que se guisse. Aquela não seria a última vez que ela a acompanhava, mas apenas a primeira vez que Ada teria ido à escola. E as primeiras vezes são muito melhores do que as últimas.

Ada tinha largado a mão da avó. De vez em quando, enquanto avançava, voltava-se para ver se ela ainda ali estava. E sim, lá estava ela, pronta a sorrir-lhe e a dizer-lhe mais uma vez que voltaria. Que voltaria de todas as vezes que a sua pequenina precisasse.

Desde então, Ada sempre tivera paciência e, para distinguir as coisas que acabam daquelas que começam, tinha aprendido a estar atenta. Tinha compreendido que as coisas, quando acabam, o fazem em silêncio. Ao passo que as que começam fazem um som muito bonito.

Também na cafetaria de um hospital conseguimos ouvir o som das coisas que começam. No som que faz um molho de chaves pousado demasiado à pressa na mesa pela pessoa que está sentada à nossa frente, por exemplo.

E depois é segunda-feira. E a segunda-feira, como aprendeu Ada, está sempre cheia de coisas que começam.

— Então, hoje encontramos-nos, caixeiro-viajante?

Ada sorri para Matteo. De modo impercetível, mas sorri. Abre dois pacotes de açúcar de cana e deita-os no café de Matteo. Ele está a olhar para outro lado qualquer.

— Neurocirurgiões. Hoje tenho a volta dos neurocirurgiões. E não me chames caixeiro-viajante — diz e só então começa a beber o café. Esta manhã não consegue olhar para Ada de frente.

A pequena mesa a que estão sentados ocupa uma posição isolada na ampla sala do restaurante-bar do hospital. Dali podem ver todos os que entram e podem olhar para fora, através da vidraça que divide a parte interior do bar da zona exterior, uma grande varanda com o parapeito de vidro.

Matteo pousa o café e finalmente volta os olhos para Ada. Ela veste uma camisola das dele, uma dos anos oitenta, alguns números acima das suas e já muito deformada. À frente tem um padrão geométrico de um azul demasiado elétrico. O cabelo, entre o castanho e o vermelho-escuro, está preso num rabo-de-cavalo apanhado sem se ver ao espelho. Na noite anterior, deve ter tirado a maquilhagem à pressa. Uma ligeira pátina preta

impregna-lhe as pestanas, mas para Matteo ela parece bonita mesmo assim. Ensonada e mal desmaquilhada como está.

— A volta de neurocirurgia é de 400 quilómetros — diz Ada.

— 440 — contesta Matteo, mal erguendo os ombros. Tem as mãos grandes, ele, as omoplatas planas, e as costas mais bonitas que Ada já viu.

— Seja como for, posso ficar à tua espera. Posso esperar e preparar qualquer coisa para o jantar — continua Ada.

A voz dela tem um tom de gratidão e um entusiasmo de rapariguinha. A Matteo custa a crer que Ada possa ter vinte e sete anos. Quando ela lhe propôs esperar por ele com o jantar pronto, até corou um bocadinho e baixou os olhos. Com o polegar, esfrega uma pequena ferida que tem no bordo da unha. Depois apoia a mão na dele.

Matteo tem 220 quilómetros para percorrer. Um outro hospital para visitar. Vai encontrar-se com dois médicos-chefes. Apertará mãos. Mostrará os seus produtos. Comentarão intervenções. E depois fará de conta que tem vontade de falar de viagens. Aos médicos agrada sempre falar de viagens. Watamu, Saint Martin, Koh Phangan. Estes são os lugares de que querem ouvir falar os neurocirurgiões nos corredores dos hospitais. Principalmente quando se aproximam as férias do Natal e nos tetos se podem ver bolas dispersas, penduradas por finos fios transparentes.

Recusará o habitual convite para ficar e comer qualquer coisa com os médicos-chefes. Voltará a entrar no carro da empresa e regressará.

Trabalhar, esta manhã, é a única coisa que pode dar-lhe a impressão de ainda ter controlo sobre a volta que a sua vida está a dar.

Se continuasse a olhar para Ada, poderia decidir não trabalhar esta manhã. Já aconteceu. E pode suceder de novo. Acabaria por correr com ela para aquela casa ainda por arrumar. Ali só há uma casa de banho, um pedaço de cozinha e a cama. Só parece uma casa quando ela lá está. Despi-la-ia devagar, e igualmente devagar fariam amor, como se o único lugar onde pudesse voltar fosse o corpo de Ada.

Mas esta manhã não pode mesmo fazê-lo. Já tem quase quarenta anos. E, apesar de não querer ouvir ser chamado «caixeiro-viajante», no fundo é isso que ele faz. E tem de vender. Será a sua tarefa também neste dia.

Em cima da mesinha, um pequeno aviso convida os médicos a tirarem as batas na sala do bar. Os médicos quase nunca despem a bata. Ada sabe isso. E, no entanto, pensa, com bata ou sem bata, nada lhe tira da cabeça que nenhum daqueles médicos pode salvar a vida da avó, internada seis pisos acima, serviço de Onco-Hematologia Clínica, corredor 2, quarto 9, cama B.

Ada e Matteo conheceram-se uma noite, poucos meses antes. Ela estava sentada a uma mesa do bar, sempre a mesma. Lá fora, em cenário, estava um daqueles pores do sol cor-de-rosa de verão já avançado.

Ada já tinha visto Matteo de outras vezes no bar do hospital. Ele não usava bata, mas não parecia o tipo de pessoa que obedece às ordens escritas em avisos pendurados nas paredes. Portanto, pensara Ada, não podia ser médico. Tinha-o visto outras vezes e ele acabava sempre por ir para o balcão para beber qualquer coisa. Depois de ter bebido, começava a tatear o corpo com as mãos. Primeiro à altura do peito, depois dos flancos e a seguir novamente no peito. Só por último chegava aos bolsos da frente das calças. Ada tinha ficado a pensar um pouco para perceber o que ele estava a fazer: procurava um maço de cigarros. No final, os cigarros estavam sempre ali, no bolso das calças. No esquerdo. Ele tirava um. Ada não conseguia ver a marca. Puxava duas fumaças e depois deitava-o fora.

Ela não sabia o que a impelira, mas daquela vez tinha-se levantado da cadeira, passado o limiar da porta, dirigido para o balcão e aproximado dele.

— O que estás a beber? — perguntara.

Ele nada dissera, apenas lhe estendera o copo. Ada bebera um gole. Era rum. Rum seco. Nunca antes o tinha provado e sentira-se como se uma série de pequenas lâminas incandescentes lhe

tivessem escavado a garganta. E então, instintivamente, cuspira o rum, entornando também o do copo. Matteo não parara de lhe sorrir. Nem de olhar para ela.

Também esta manhã poderia continuar a olhá-la e a sorrir. Em vez disso, Matteo acaba de beber rapidamente o café, levanta-se e veste o casaco azul. Faz tudo mais à pressa do que Ada gostaria. Ela é o tipo de pessoa que, de modo bastante obstinado, se comporta com os outros como gostaria que eles se comportassem com ela. Por isso, agora levanta-se, atenta a agitar o menos possível o ar, e ajeita o colarinho da camisa de Matteo, como se fosse o seu único instinto.

— Nem sequer um beijo — diz Ada. Não consegue dar à frase um tom de pergunta.

Matteo dá-lhe um beijo rápido na cara. Depois estende-lhe a sua. Não de modo explícito, mas Ada aprendeu a reconhecer aquele gesto. Muda apenas o ângulo entre a face e o pescoço e baixa-se. Então ela dá-lhe o seu beijo. Ele tem a barba um bocadinho crescida, nem se repara nisso se não se lhe der um beijo.

Às vezes, pensa Ada, ele trata-a como a um daqueles gatos que encontramos na rua quando vamos para o trabalho e que acabamos por saudar todos os dias. E talvez por vezes acariciá-los também. Contudo, um daqueles que nunca levaríamos para casa.

Mal teve tempo de sentir os lábios na face de Matteo e já ele se voltou. Olha ainda em volta. E tem o passo rápido de quem sabe para onde vai.

O modo como as pessoas se vão embora. A altura a que têm os ombros. A singular orientação do seu olhar. Ada parece não ter feito mais nada na vida: tentar reter as pessoas que vão para longe dela.